

Autoficção: a escrita de si em *Divórcio*, de Ricardo Lísias

Autoficción: writing the self in *Divórcio*, by Ricardo Lísias

Thauana Mara de Carvalho Silva*

Rejane de Souza Ferreira**

RESUMO: Neste estudo propõe-se uma discussão acerca da ficção e da não-ficção presentes em “*Divórcio*” (2013), do escritor brasileiro Ricardo Lísias. A obra tem como mote o divórcio de um escritor chamado Ricardo Lísias, que descobre que foi traído durante a cobertura do festival de Cannes em 2011. *Divórcio* é um romance que sublima algumas das principais tendências da literatura contemporânea, que se baseiam na convergência de identidades entre autor e personagem e na reconstrução ficcional de memórias. Assim, a partir de temas polêmicos como o adultério e o questionamento da ética jornalística que a trama traz, investiga-se aqui o caráter autoficcional da obra e a complexidade que há em delimitar as fronteiras entre a ficção e a não-ficção na narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: Ricardo Lísias; autoficção; narrativa contemporânea.

ABSTRACT: This work aims to discuss fiction and non-fiction in *Divórcio* (2013), by the Brazilian writer Ricardo Lísias. The book deals with the divorce of a writer called Ricardo Lísias who discovers that he was betrayed during the coverage of the Cannes festival in 2011. *Divórcio* is a novel that shows some of the main tendencies of contemporary literature which are based on convergence of identities among the author and character and the fictional reconstruction of memories. Thus, considering controversial issues such as adultery and questions of Journalism ethics, it is investigated here the autofictional genre of the book and the complexity in delimitating fiction and non-fiction into the text.

KEYWORDS: Ricardo Lísias, autofiction; contemporary narrative.

1 Introdução

Um dos traços marcantes da natureza humana é o interesse pela intimidade alheia. O avanço tecnológico e as novas mídias do mundo contemporâneo têm aguçado a autopublicização do sujeito nos mais diversos contextos sociais, gerando um processo de espetáculo de si que desperta o

* Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Tocantins. ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/969802454777999>. E-mail: prof.thauana@hotmail.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-7240-7825>.

** Doutora de Letras e Linguística pela UFG. Docente do curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras UFT – Porto Nacional. ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2762142240750530>. E-mail: rejaneferreira@mail.uft.edu.br. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-2561-4581>

interesse do público. Esse desejo pela autoexposição e pela vida do outro tem reflexos no âmbito literário, aumentando o número de publicações autobiográficas, memórias, testemunhos e cartas editadas. A presença do escritor em seu texto é um fenômeno literário crescente, e é nesse contexto que surge a autoficção.

O termo *autoficcion* foi usado pela primeira vez na França pelo professor e escritor Serge Doubrovsk, no ano de 1977. O autor publicou o conceito no prefácio de seu livro *Fils* para tentar esclarecer aspectos de seu romance. Incorporado ao aumento dos “romances do eu”, a autoficção é um modo de expressão híbrida, que mescla autobiografia e ficção. Há que se registrar, no entanto, que surgiram novos estudos e atualizações do gênero desde as definições iniciais propostas por Doubrovsky. Assim, os formatos de textos autoficcionais encontrados hoje são variados e alguns divergem de seu modelo inicial, de modo que há uma pluralidade de estilos e temáticas na produção atual.

No Brasil, Ricardo Lísias é um dos escritores contemporâneos que mais se destacam por escrever obras com tom autoficcional. Com uma vasta produção artística, Lísias é autor de textos ficcionais e não-ficcionais, e já recebeu diversos prêmios significativos no cenário literário. No universo acadêmico, o escritor também tem despertado o interesse de estudiosos e pesquisadores a partir de suas obras, dentre elas a que mais tem suscitado discussões é o livro *Divórcio*.

Publicado em 2013, a obra tem como mote o divórcio de um escritor chamado Ricardo Lísias que, ao encontrar o diário de sua esposa, uma famosa jornalista, descobre que foi traído durante a cobertura do festival de Cannes em 2011 com um dos jurados do evento. Para construir esse personagem, o escritor valeu-se de uma identidade onomástica entre autor-personagem e utilizou biografemas, que auxiliam na construção do jogo entre realidade e ficção. Nessa perspectiva, essa pesquisa centra-se no estudo da transfiguração da matéria vivida em matéria ficcional, além de apresentar reflexões teóricas acerca do gênero autoficcional e questionamentos sobre os limites da autoficção.

2 Autoficção e o romance *Divórcio*

No panorama literário atual, apontado por críticos como pós-moderno, os romances adquiriram novos formatos e sofreram significativas transformações. A subjetivação e a autorreferência passaram a ocupar papel de destaque na literatura, de modo que, como nunca antes, os comportamentos sociais são refletidos nas artes. A inserção de dados autobiográficos nas obras produzidas tem sido uma tendência entre escritores nas últimas décadas.

Apesar das atualizações, o romance contemporâneo parece não fugir de todo modo às origens ao incorporar as experiências do narrador ao texto. Walter Benjamin, em ensaio publicado no ano de 1933, discorre sobre a figura do narrador nos romances e afirma que “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros” (BENJAMIN, 1987, p. 201). Para o autor, o romancista segrega-se, uma vez que se mantém isolado e só considera suas próprias experiências. Mesmo com diversas discussões e mudanças ao longo dos anos, as características essenciais do romance mencionadas por Benjamin permanecem latentes na atualidade, dentre elas a valorização das experiências pessoais e do texto escrito.

Nesse sentido, na ficção brasileira contemporânea, a escrita em primeira pessoa tem sido um formato textual recorrente entre os escritores, enfatizando a figura extratextual do escritor. Em *Divórcio*, autor, narrador e personagem possuem o mesmo nome: Ricardo Lísias. As assinaturas iguais reforçam as características do romance pós-moderno que têm sido bastante discutidas. Trata-se de um jogo entre realidade e ficção em que a ambiguidade se instaura na escrita e na leitura do texto. Na obra, o narrador do romance discorre sobre o término traumático do seu casamento de quatro meses com uma famosa jornalista. Construído como texto de ficção, o livro reúne várias coincidências biográficas entre autor e personagem, o que provoca uma série de questionamentos acerca de seu gênero literário.

No romance de Lísias, há diversos pontos que dão margem a uma possível ligação entre a realidade vivida pelo escritor e o que ele diz ser invenção. Além de possuírem a mesma identidade, autor e narrador parecem querer atestar ao leitor ao longo da narrativa a veracidade de seu relato. Com

uma estrutura híbrida, o livro traz trechos de diários, fotografias e cartas, conduzindo a pessoa que lê a acreditar nos fatos expostos. Essa mistura de gêneros faz com que os limites existentes entre realidade e ficção sejam propositalmente diluídos e, com isso, provoque confusão no leitor. Tais características existentes na obra fazem com que ela se enquadre nas chamadas escritas autoficcionais, sendo este o resultado da junção entre a autobiografia e o romance de ficção.

Para Doubrovsky (*apud* MARTINS, 2011, p. 191), a autoficção é “uma variante pós-moderna da autobiografia na medida em que ela não acredita mais numa verdade literal, numa referência indubitável, num discurso histórico coerente e se sabe reconstrução arbitrária e literária de fragmentos esparsos de memória”. Assim, na percepção do autor, no processo de escrita do *eu*, o sujeito é incapaz de ser fiel à verdade e, por mais que tente, acaba dizendo outra coisa que não a verdade. Baseada nas reflexões de Doubrovsky, Martins aponta:

A proposta doubrovskiana reconhece a ambivalência do sujeito e a mobilidade do vivido, insere o discurso do eu no espaço lúdico e transitório, que entrelaça os gêneros referencial e ficcional; verdade e invenção; realidade e imaginação. A autoficção é também uma escrita do presente, que não acredita mais na recapitulação histórica e fiel dos acontecimentos, mas sim numa atualização do que aconteceu. (MARTINS, 2011, p. 185.)

Nessa perspectiva, considerando a teoria de Doubrovsky, há que se registrar no romance de Lísias a presença de um discurso do “eu” que entrelaça ora realidade, ora ficção. O enredo é construído a partir da reconstrução da memória de um personagem atormentado e confuso. O fim traumático de seu casamento o deixa com o “corpo sem pele”, metáfora da dor e da decepção que ele narra ter sofrido após ter lido o diário de sua ex-esposa em que ela conta tê-lo traído, além dar outros detalhes íntimos.

Lembrei-me de uma conta que precisava pagar naquele dia. Abri a gaveta da minha ex-mulher e vi o boleto no meio de um caderno. Li uma frase e minhas pernas perderam a força. Sentei no lado dela da cama e por um instante lutei contra mim mesmo para tomar a decisão mais difícil da minha vida. Resolvi por fim ler o diário da primeira à última linha de uma só vez. (LÍSIAS, 2013, p. 25.)

De acordo com as palavras do próprio autor, *Divórcio* é um romance sobre o trauma. Os textos contidos no diário evidenciam o sentimento de desprezo da esposa pelo marido e trazem o relato detalhado da infidelidade conjugal. A partir de então, o narrador-personagem inicia seu relato sobre suas angústias. Decepcionado, faz uma cópia do diário, sai de casa e muda-se para o cafofo, local usado como depósito de móveis e livros após seu casamento. Lísias-narrador conta sobre suas noites sem dormir, sua constante sensação de sufocamento e sobre se sentir em “carne viva”: “[...] Minha cabeça só pensava no diário da minha ex-mulher e mesmo as necessidades básicas, como comer e ir ao banheiro, não me interessavam” (LÍSIAS, 2013, p. 52).

O conteúdo do diário é frustrante para Lísias-narrador. A escrita diarística possibilita o acesso à vida íntima, uma escrita que não é produzida com a intenção de que outros leiam. No diário, sua ex-mulher confessa, além das traições, o fato de não estar apaixonada em plena lua-de-mel e tece críticas a respeito do marido: “19 de julho de 2011: imagina eu tendo um filho com o autista com quem casei. O Ricardo é patético, qualquer criança teria vergonha de um pai desse. Casei com um homem que não viveu [...]” (LÍSIAS, 2013, p. 21). A descoberta produz um efeito devastador na vida de Lísias, o que o leva a descrever sua dor com a metáfora da “perda de pele”.

Sem saber, fui apresentado ainda para quatro ex-amantes dela e descobri há um mês que vivi a constrangedora situação de ter tomado café em Paris com um fotógrafo francês com quem ela tinha transado anos antes. [...] Não sei se algum dia vou entender o que faz uma mulher de trinta e sete anos escrever um diário como esse e, ainda mais, deixá-lo para o marido com quem acabara de se casar. *Divórcio* é um romance sobre trauma. (LÍSIAS, 2013, p. 130.)

O conteúdo do romance é cruel e chocante. O narrador-personagem não economiza nos detalhes sórdidos e nem na descrição minuciosa de seus ressentimentos. Lísias conta de forma deliberada a sua experiência de dor, sofrimento e seus momentos de fragilidade após descobrir que foi traído, colocando-se, desse modo, como vítima de uma violência.

A gente vive a morte acordado. [...] Ardeu porque meu corpo estava sem pele. O caixão continuava ali. De alguma forma, meu queixo acertou o joelho esquerdo. A carne viva latejou e ardeu. Como o

choque foi leve, não durou muito. A sensação de queimadura também passou logo. Mesmo assim, meus olhos reviraram. Alguns desses movimentos são claros para mim. Estão em câmera lenta na minha cabeça.

Outra vez estendi o braço direito e ele tocou o caixão. O cadáver sem pele ainda me obedecia. Tentei abrir os olhos para confirmar se continuava morto na cama nova. Não consegui. Meu estômago encolheu. Senti falta de ar. É difícil respirar com tanta escuridão. O coração dispara. Veio-me à cabeça o dia em que minha ex-mulher demorou para fazer alguma coisa enquanto eu me afogava. Tive dificuldade para abrir os olhos. Minhas mãos latejavam. Um clarão distante me deixou com tontura. Um corpo em carne viva é quente. (LÍSIAS, 2013, pp. 7-8.)

A narrativa é construída por meio de flashbacks, anotações, fragmentos do diário da ex-esposa, fotos da infância do autor e de suas próprias falas. Na tentativa de recobrar a consciência e voltar à rotina, Ricardo recorre a caminhadas noturnas, o que, posteriormente, acaba tornando-se um hábito e evolui para a prática de corrida: “Depois, comecei a correr. [...] A corrida nos deixa empolgados” (LÍSIAS, 2013, p. 126). Em razão desse fato, os capítulos do livro são intitulados por quilômetros, em um total de quinze, distância equivalente à percorrida pelo narrador-personagem ao final do livro, quando decide participar da Corrida de São Silvestre.

Divórcio é uma narrativa não linear. Os fatos se sobrepõem ao longo da obra e a sua estrutura é desordenada. Em meio a fotografias e relatos sobre suas mágoas, Lísias-narrador fala das suas lembranças da infância e expõe suas memórias de viagens. Essa ausência de linearidade é uma das características do gênero autoficcional. Segundo Martins (2014, p. 24), “A escrita autoficcional parte do fragmento, não exige início-meio-fim nem linearidade do discurso; o autor tem a liberdade para escrever, criar e recriar sobre um episódio ou uma experiência de sua vida, fazendo, assim, um pequeno recorte no tempo vivido.” Além disso, o romance imprime um ritmo acelerado das revelações feitas pelo protagonista, refletindo, dessa forma, seu estado de angústia e nervosismo durante as cenas relatadas.

Tenho trinta e seis anos e uma renda, há algum tempo, que me permite figurar entre os privilegiados. Mesmo assim, nunca fiz nenhuma aplicação financeira. Não guardo dinheiro. Compro livros com tudo o que me sobra. Jamais quis ter um carro ou me preocupei em comprar uma casa. Já gostei de algumas mulheres e ainda vou encontrar um grande amor para ter filhos e passar o resto da vida. [...]

Quanto aos objetos, como com tudo, sempre fui muito constante: gosto apenas de livros. Tenho doze mil e pretendo aos sessenta anos ter multiplicado meu acervo por dez (LÍSIAS, 2013, p. 122.)

É interessante notar o fluxo intenso de pensamentos que o narrador-personagem expõe. Com rapidez, ele perpassa por vários pontos e aspectos de sua vida que julga ser relevante para esclarecer sua história. O discurso da narrativa é instável, o narrador, por vezes, apresenta-se como autodiegético, afirmando relatar experiências pessoais – “Aliás, não há uma palavra de ficção nesse romance” (LÍSIAS, 2013, p. 172). No entanto, em outras passagens, opta pelo narrador heterodiegético, sublimando a ficcionalidade do romance, tentando mostrar-se, por assim dizer, indiferente aos fatos: “*Divórcio* é um livro de ficção em todos os seus trechos” (LÍSIAS, 2013, p. 190). De acordo com a proposta dubrovskiana, essa experimentação de linguagens e ausência de formas são uma das premissas do gênero autoficcional. Na visão do teórico, a autoficção é a “aventura da linguagem, fora da sabedoria e fora da sintaxe do romance, tradicional ou novo. Encontro, fios de palavras, aliteraões, assonâncias, dissonâncias” (apud MARTINS, 2014, p. 25).

À beira de um colapso emocional, o protagonista tece o seu relato intercalando trechos do diário íntimo de sua ex-mulher, que apresentam datas e letras em formato itálico. O narrador-personagem conduz o enredo expondo suas reflexões autoanalíticas, bem como suas percepções acerca do romance. Em determinadas passagens, ele faz referência ao fato de também estar escrevendo outro livro *O céu dos suicidas*, coincidentemente, o mesmo título do livro publicado pelo escritor Ricardo Lísias no ano de 2012.

Nessa perspectiva, é válido ressaltar a noção de verossimilhança no romance. A contracapa traz a fotografia do escritor e algumas de suas obras, como *O livro dos mandarins* e *O céu dos suicidas*, que serão citados ao longo da narrativa. Ademais, traz, ainda, a seguinte nota explicativa:

Agosto de 2011.

Casado há quatro meses, o narrador de *Divórcio* encontra acidentalmente o diário da esposa em que, entre outras coisas, ela escreve: *O Ricardo é patético, qualquer criança teria vergonha de ter um pai desse. Casei com um homem que não viveu.*

“Depois de quatro dias sem dormir, achei que estivesse morrido”, ele desabafa. A partir de então, descreve seu desmoronamento e a tentativa de compreender o que o levou ao ponto crítico. A literatura, e

treinos de corrida cada vez mais intensos, servem para que alguma lucidez retorne a sua vida.

Mas nem sempre é possível explicar friamente o que ocorreu, dar ordem aos sentimentos conflitantes, à dor e à obsessão, ao desejo de esquecer. É isso que torna *Divórcio* um romance sem paralelos. Num fluxo emocionante, *numa reconstrução ficcional da memória, o autor ultrapassa os limites da autoficção e alcança um novo terreno*, em que a literatura – a literatura combativa, desafiadora – tem a última palavra. (LÍSIAS, 2013, s.p., destaque meu.)

Os trechos grifados na passagem revelam a construção ambígua e contraditória que será apresentada nas páginas do romance. Inicialmente, *Divórcio* é definido como um “romance sem paralelos”. Na sequência, apresenta-se que o escritor, partindo da ficção, reconstrói uma memória real que transcende os limites autoficcionais e “alcança um novo terreno”. Assim, a literatura assume um lugar combativo, autossuficiente e possuidor da última palavra, isto é, a obra como sendo capaz de explicar-se por si mesma. Entretanto, tais colocações suscitam questionamentos sobre qual pacto de leitura deve ser estabelecido na obra: um pacto romanesco, uma vez que é este é intitulado como romance, ou um pacto autobiográfico, já que o autor constrói sua narrativa a partir de memórias reais? Ou, ainda, um pacto autoficcional, que é estabelecido pelo caráter ambivalente e duvidoso?

Nesse sentido, como, então, o leitor deveria proceder com a escolha do pacto de leitura adequado para com as obras que apresentam tais características? Segundo Gérard Genette (1991), no caso de narrativas autoficcionais, cabe ao leitor realizar a investigação das contradições que se apresentam dentro destas, e, desse modo, decidir sobre a melhor forma de dar prosseguimento à leitura. Haveria, assim, um pacto de caráter paradoxal, uma vez que não existem garantias de ficcionalidade ou de referencialidade, mas sim confunde o leitor, intencionalmente. Em *Divórcio*, esse jogo de contradições é apresentado desde a sua contracapa, perpassando o interior e o exterior do livro, aspecto que demanda um olhar atencioso do leitor.

Divórcio caberia, desse modo, na tipologia defendida por Alberca (2007) de “autoficção biográfica”, em que o romance compreende como ponto partida “a vida do escritor que resulta ligeiramente transformada ao inserir-se em uma estrutura novelesca, mas sem perder a evidência biográfica em nenhum momento” (ALBERCA, 2007, p. 182, tradução nossa). Todavia, mesmo com a

estratégia narrativa de aproximar as vivências de autor, narrador e personagem, não haveria garantias de referencialidade, o que acarretaria, por sua vez, na não compreensão do leitor em diferenciar aspectos reais e ficcionais da obra.

A obra apresenta um protagonista atravessado por questões existenciais, que inicia a narrativa em “carne viva”. Após noites sem conseguir dormir, ainda sente-se sem ar e sufocado pela dor. Na capa de *Divórcio*, há a fotografia de um rosto masculino dentro de um saco plástico branco, que sinaliza para o sufocamento, a dor e a angústia que o enredo abordará. Tal qual a imagem da capa, Lísias-narrador sente-se constantemente sufocado. O motivo, como já apontado de início, revela-se nas páginas do romance.

Logo após o divórcio, um dos meus maiores problemas foi o ar. Na rua, respirava fundo e o fôlego não atravessava a garganta. Achei que, caminhando rapidamente, meu tórax se comprimiria um pouco. Fiz força, mas não deu certo. Voltou-me à cabeça o meu cadáver no cafofo. Olhei ao meu redor. Se morri, não posso estar vendo essas luzes. Alguns carros diminuían a velocidade, outros paravam apenas no farol. O ar desapareceu de novo e acelerei ainda mais. Senti tontura. Se caísse, ninguém perceberia. (LÍSIAS, 2013, p. 8.)

O divórcio, que se deu em razão do descobrimento do diário de sua ex-mulher, ocasionou frustrações e agressões morais, além das consequências físicas como falta de ar, tontura e ardores na pele que se assemelhavam a queimaduras. O narrador-personagem, perplexo pelas descobertas que havia feito sobre os pensamentos obscuros e sinceros da sua até então companheira, bem como pela leitura da confissão das relações extraconjugais desta, fez com que ele tentasse, através da corrida, recuperar a sua “pele perdida” – fato usado para justificar, desse modo, a organização dos capítulos em quilômetros: “Virei corredor porque, além da insônia, o divórcio me deixou com a respiração muito irregular. Foi também a maneira que encontrei para achar uma rotina e retomar o equilíbrio” (LÍSIAS, 2013, p. 16).

Assim, desenvolve-se o jogo autoficcional que compõe a narrativa. Lísias-narrador, que não tem seu nome revelado nas primeiras páginas, também se apresenta como escritor e sente-se como se fizesse parte de um de seus textos.

No sexto dia, com o corpo sem pele queimando apesar do frio, não me senti morto: tive certeza de ter enlouquecido. Eu acabara de escrever um SMS chamando minha ex-mulher de puta, na metade de uma frase autobiográfica, achei que estava vivendo um dos meus contos.

Com certeza eu assinaria essa história. (LÍSIAS, 2013, p. 15.)

Nesse jogo de ambiguidades, a partir do capítulo/quilômetro oito, o narrador-personagem passa a inserir fotografias suas de quando era criança e também de seus familiares. Em uma das imagens, aparece o escritor Ricardo Lísias quando era bebê. Na foto, o menino está sem roupa ao lado de um homem adulto. A narrativa tem continuidade sem qualquer relação com essa imagem; no entanto, em uma passagem próxima, Ricardo-narrador faz uma nova referência ao fato de seu corpo ainda estar sem pele. Isso pode ser entendido como uma tentativa de o autor relatar uma experiência simbólica de morte e renascimento, relacionando a troca de sua pele de quando nasceu à sua nova pele adquirida após o trauma.

O romance traz, ainda, registros fotográficos de sua infância ao lado da família; referências diretas às suas obras, profissão, cidade onde mora e até aos seus gostos pessoais. O narrador-personagem justifica o emprego das fotografias como uma tentativa de reconstrução da consciência. Em razão do “colapso emocional” sofrido, ele afirma estar “perdendo a memória”, assim, o resgate das fotos o faria recobrar os sentidos e recordar os momentos que em viveu. O trauma o fez sofrer um bloqueio de memória recente: “Não encontrei muitas dificuldade com as lembranças antigas. A questão é recordar o que vivi nos últimos anos” (LÍSIAS, 2013, pp. 133-134). Entretanto, Lísias não consegue encontrar nenhum registro do período em que ele manteve o relacionamento com sua ex-esposa, todos os acontecimentos que se sucederam nesse período surgem de forma desordenada e obscura em sua mente.

Sem sucesso em sua busca por registros de sua história recente, o narrador-personagem progride com a narrativa e com a apresentação de mais algumas imagens suas quando criança. A maioria delas, contudo, sem uma possibilidade clara de associação com o que está sendo narrado. Ricardo Lísias instiga a curiosidade do leitor com os registros biográficos apresentados, porém, em virtude de sua instabilidade emocional, torna complexa a tarefa deste em analisar a veracidade e transparência do relato. Como em um jogo de quebra-cabeças, o autor apresenta as peças por meio de textos e imagens, tornando impossível atribuir a um único sujeito (real ou ficcional) os fatos descritos.

Há, no livro de Lísias, uma série de outros elementos que atravessam o leitor quanto à verdade dos acontecimentos, como, por exemplo, o trecho em que o narrador-personagem afirma “Não aconteceu nada: ela não escreveu esse diário e não cobriu o Festival de Cannes de 2011 para um jornal. É só um conto” (LÍSIAS, 2013, p.15), bem como o trecho em que afirma o exato oposto: “Acabo de achar a folha com as frases autobiográficas que redigi naquele dia. [...] ACONTECEU NÃO É FICÇÃO” (LÍSIAS, 2013, p. 16).

A identidade onomástica entre autor, narrador e personagem, que é percebida desde as primeiras páginas do livro, fica evidente na transcrição de uma passagem do diário da ex-esposa.

NY, 14 de julho de 2011 (no hotel Riverside Tower)
Apesar de andar muito, o Ricardo é legal. Ele é uma boa companhia: é engraçado e de vez em quando inteligente. É que as vezes (sic) nos intervalos das caminhadas que ele quer fazer o tempo inteiro ele diz coisas inteligentes. Mas eu também não entendo: ele se recusa a ver uma peça da Broadway!
Os grandes atores do mundo passaram pela Broadway, mas não adianta dizer isso. Ele não dá atenção.
Mas a viagem está servindo para me mostrar que apesar disso eu casei com o cara certo pra mim. Só que apaixonada não estou. (LÍSIAS, 2013, pp. 10-11.)

Na autoficção, a identificação onomástica pode ocorrer de diversos modos. As identidades podem ser apresentados de forma explícita, como é o caso de *Divórcio* e outras publicações de Lísias, e de forma implícita, com o objetivo de ocultamento da identidade, como no romance *Você nunca mais vai ficar sozinha*, da escritora Tati Bernardi. Há, ainda, as produções que apresentam uma identificação parcial, com o emprego de apelidos, primeiros nomes ou sobrenomes, como ocorre em *O filho eterno*, de Cristóvão Tezza.

Nesse sentido, tem-se em *Divórcio* uma marca evidente da escrita autoficcional: o emprego do nome próprio, aspecto relevante para criar o jogo de contradições entre o real e o ficcional. A ambivalência proposta pelo autor cria uma contradição entre verdade e imaginação, sendo impossível definir a veracidade dos fatos apresentados pelo sujeito. O *eu* fragmentado e híbrido provoca essa ambiguidade característica do jogo autoficcional. Acerca dos limites existentes entre a ficção e a autobiografia que marcam o romance, Martins (2014, p. 135) afirma que “[...] em *Divórcio*, temos um caso extremo

dos efeitos práticos e reais desse jogo com a realidade.” A noção entre o que é ou não real se dilui pela forma contraditória com a qual o narrador-personagem expõe os fatos.

Klinger (2006), em sua tese, discorre sobre a linha que separa a autoficção dos demais gêneros. Segundo a autora, um traço característico dessa categoria de texto é o grau de ficcionalidade apresentado. A autoficção, de acordo com ela, “[...] mistura verossimilhança com inverossimilhança e assim suscita dúvida tanto a respeito da sua verificabilidade quanto da sua verossimilhança” (KLINGER, 2006, pp. 47-48). Nessa perspectiva, ela formula um conceito para o gênero.

[...] consideramos a autoficção como uma narrativa híbrida, ambivalente, na qual a *ficção de si* tem como referente o autor, mas não enquanto pessoa biográfica, e sim o autor como personagem construído discursivamente. Personagem que se exhibe “ao vivo” no momento mesmo de construção do discurso, ao mesmo tempo indagando sobre a subjetividade e posicionando-se de forma crítica perante os seus modos de representação. (KLINGER, 2006, p. 65.)

É nesse interstício que Klinger situa autoficção e enfatiza o autor como personagem que se constrói por meio do seu discurso. Em *Divórcio*, Lísias faz uso de si para criar seu personagem, assim, lança mão da indecibilidade entre identidade e alteridade. Através desse recurso, tece críticas e reflexões sobre o mote e os demais personagens. “Se minha ex-mulher não queria inspirar uma personagem, não deveria ter brincado com a minha vida. No estágio atual da ficção, é preciso que o esqueleto de um romance esteja inteiramente à vista” (LÍSIAS, 2012, pp. 189-190). O escritor joga a todo instante com a noção de verdade e falsidade dos fatos.

Na trama, o protagonista revela que foi ameaçado de processo judicial pela ex-esposa e, em razão disso, teve de se explicar: “Não estou tratando de uma pessoa em particular. Minha ex-mulher não existe: é personagem de um romance” (LÍSIAS, 2013, p. 128). Apesar de suas colocações, foi necessária uma justificativa à notificação extrajudicial em que ele afirma ser ridículo o fato do romance ser levado a julgamento.

O que faz então com que *Divórcio* seja um romance? Em primeiro lugar, Excelência, é normal hoje em dia que os autores misturem à trama ficcional elementos da realidade. Depois há um narrador visivelmente criado e diferente do autor. O livro foi escrito, Excelência, para justamente causar uma separação. [...] Enfim, Excelência, o senhor sabe que a literatura recria outra realidade para que a gente reflita sobre a nossa. Minha intenção era justamente reparar um trauma: como achei que estava dentro de um romance ou de um conto que tinha escrito, precisei criá-los de fato para ter certeza de que estou aqui do lado de fora, Excelência. (LÍSIAS, 2013, pp. 217-218.)

O escritor Ricardo Lísias tem apresentado respostas semelhantes às de seu narrador-personagem ao ser questionado sobre seu romance polêmico, como se pode ver na entrevista concedida à Martins:

Não acho possível que a ficção traga “experiências pessoais do autor”. [...] A literatura não reproduz a realidade, mas cria outra realidade a partir da utilização da linguagem. Sabemos todos que a linguagem é limitada e muito diferente da realidade, as palavras não são as coisas. Portanto, não pode haver realidade de nenhuma ordem na ficção. O que parece ocorrer é que, com as novas mídias, a figura do autor passou a aparecer mais e, então, a leitura dos textos dos autores começa a ser calcada nessa representação de sua vida pelas diferentes mídias. Ainda que o resultado sociológico possa ser interessante, uma leitura do tipo “há experiência pessoal aqui” é redutora do ponto de vista artístico. Estou tentando escrever, na minha ficção, textos que induzam as pessoas a verem como elas podem se enganar quando vão atrás da “realidade”. (MARTINS, 2014, p. 239.)

Entretanto, sabe-se que o livro tem como ponto de partida uma experiência real e traumática do próprio escritor. Bastante midiático e ativo em redes sociais, o autor anunciou seu processo de divórcio pelo Facebook. Logo em seguida, ele publica um conto intitulado “Meus três Marcelos”. De acordo com Azevedo (2013), exatos três meses antes do anúncio do divórcio é possível ler, em um jornal semestral idealizado pelo próprio Lísias, uma nota editorial em que ele comemora seus três meses de casamento. Para a pesquisadora, a publicação do conto logo na sequência do anúncio evidencia a clara possibilidade de associação entre o Ricardo do texto e próprio autor. Em sua aceção,

O texto trata da dor do personagem, identificado como Ricardo, depois do diário escrito por sua mulher. A plaquete distribuída a alunos do curso “Os contos clássicos do século XX”, ministrado por Lísias, incorpora à própria narrativa o episódio factual: “Comecei a dar

um curso de contos 34 dias depois de quase ter me matado.”
(AZEVEDO, 2013, p. 103.)

As polêmicas em torno do romance não param de surgir. Na contracapa do livro, em sua primeira edição, a sinopse também trata do caráter autoficcional do enredo: “Num fluxo emocionante, numa reconstrução ficcional da memória, o amor ultrapassa os limites da autoficção e alcança um novo terreno, em que a literatura – a literatura combativa e desafiadora – tem a última palavra.” Por sua vez, esse elemento paratextual introduz ao leitor um aspecto realístico da trama.

Os esforços em narrar a vida parece ser um recurso recorrente nas produções de Lísias. Antes do romance, o autor publica outros contos, são eles: “Divórcio” e “A corrida”, respectivamente, em novembro de 2011 e fevereiro de 2012 pela revista *Piauí*. Junto a eles, “Meus três Marcelos”, publicado em 2011 pelo selo Dobra Editorial. Azevedo (2013) considera os três contos uma “espécie de trilogia” em que o escritor confunde, inquestionavelmente, os limites entre realidade e ficção.

Ademais, outro ponto bastante discutido na obra é o questionamento da ética jornalística. O narrador-personagem evidencia em *Divórcio* a sua “insatisfação” com os jornalistas. Enfatizando a profissão da sua ex-esposa, jornalista de um veículo importante da cidade de São Paulo, o protagonista tece críticas e faz reflexões sobre a prática dos profissionais: “O sistema em que as pessoas fazem denúncias sem precisar assumi-las é dominante na imprensa brasileira” (LÍSIAS, 2013, p. 196).

De acordo com o conteúdo do diário apresentado por Lísias, sua ex-esposa relata a relação extraconjugal que manteve com um cineasta, que resultou em informações privilegiadas na cobertura do Festival de Cinema de Cannes. Ao que parece, para o autor, esse motivo é o principal objetivo do romance: uma crítica à falta de ética no jornalismo. Nessa perspectiva, é possível inferir que o artifício da autoficção contribui para sustentar o projeto de literatura política do autor, já que por meio dela ele consegue “criar” o seu enredo e fazer suas considerações sobre o jornalismo embasadas pelo seu ponto de vista pessoal. Segundo o escritor Lísias em entrevista a Bruno Soares dos Santos, “*Divórcio* não é um romance sobre adultério, é um romance sobre

adultério cometido durante o festival de Cannes, com um dos jurados do festival, para que uma jornalista soubesse quem iria ganhar o festival antes dos outros jornalistas” (SANTOS, 2017, p. 55). Todavia, não é válido desconsiderar a realidade em partes reproduzidas na obra em prol de uma situação unicamente ficcional. Em um artigo não ficcional, intitulado “Eu sou normal”, o escritor diz:

Concordo com a crítica literária: *Divórcio* borra a fronteira entre ficção e realidade. Um dos objetivos do meu projeto estético é mostrar a impossibilidade de recriar, através da linguagem, qualquer tipo de referência segura a uma realidade mais comezinha e direta. Ao perceber a operação, como fizeram leitores especializados e o público em geral, a literatura assume o protagonismo e se torna o ator principal na constituição dos sentidos. O primeiro passo foi observado: é tudo literatura e tudo é literatura. (LÍSIAS, 2015, p. 90.)

Lísias utiliza, desse modo, os mecanismos da autoficção para criar uma estratégia narrativa que confunde o leitor, ao unir biografemas e ficção. O autor parte de uma experiência pessoal, mas a verdade ali representada é distorcida. Sendo assim, observa-se que não é possível separar a realidade da invenção na obra, atendendo assim de forma incontestável ao gênero autoficcional.

3 Considerações finais

A leitura de *Divórcio* torna clara a associação entre autor e narrador-personagem. A ambiguidade construída ao longo do enredo por meio de vários elementos aponta para uma voz que parece querer elaborar uma narrativa no espaço entre vida e ficção. Lísias joga abertamente com a verdade e a mentira, oscilando ora para aspectos biográficos de sua vida ora para um romance fictício. Esses procedimentos de elaboração textual constituem-se como uma marca de autoria do escritor.

Assim, com as diferentes possibilidades de recepção da obra, o autor provoca no leitor o desejo de desvendar o que é verdade e o que é ficção. Os limites existentes entre o referencial e o ficcional são tênues, motivo gerador das discussões acerca do gênero. Essas indefinições que circundam a escrita autoficcional é o que tem fomentado as pesquisas entre críticos e teóricos. Embasando-se no raciocínio de Martins (2014), autoficção é a melhor maneira de chamar essa prática híbrida de ficcionalização de si.

A literatura contemporânea caminha para a uma nova configuração do romance em que a autoexposição e a hibridez fazem parte. A ficção de si na obra de Lísias propõe um novo modo de leitura em que o autor-personagem expõe e é exposto. Essa operação autoficcionalizante revela-se um recurso literário recorrente na literatura atual.

Referências

- ALBERCA, Manuel. *El pacto ambiguo*. De la novela autobiográfica a la autoficción. Madrid: Biblioteca Nueva, 2007.
- AZEVEDO, Luciene. Ricardo Lísias: versões de autor. In: CHIARELLI, Stefania; DEALTRY, Giovanna; VIDAL, Paloma (orgs.). *O futuro pelo retrovisor: inquietudes da literatura brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas*. V1. Magia e técnica, arte e política – Ensaios sobre literatura e história da cultura. 3º Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- DOUBROVSKY, Serge. O último eu. In: NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.). *Ensaaios sobre autoficção*. Tradução: Jovita Maria Gerheim, Maria Inês Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- GENETTE, Gérard. *Fiction et diction*. Paris: Seuil, 1991.
- MARTINS, Anna F. *Autoficções: do conceito teórico à prática na literatura brasileira contemporânea*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, PUC-RS. Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10923/5746>. Acesso em: 10 mai. 2022.
- MARTINS, Anna F. Uma discussão teórica acerca da autoficção: a ficcionalização de si em *O filho eterno*, de Cristovão Tezza. *Letrônica*. v. 4, n. 11. Porto Alegre, p. 181-195, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/7984>. Acesso em: 15 mai. 2022.
- KLINGER, D. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. 2006. 204 f. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. 2006. Disponível em: <http://www.bdtd.uerj.br/handle/1/6168>. Acesso em: 13 mai. 2022
- LÍSIAS, Ricardo. *Divórcio*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2013.

LÍSIAS, Ricardo. Eu sou normal. *Scriptorium*, v. 1, n. 1, Porto Alegre p. 84-100, jul./dez. 2015. Disponível em:
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/scriptorium/article/view/21617>. Acesso em: 20 mai. 2022.

SANTOS, Bruno. *Autoficção e contemporaneidade: lendo Divórcio, de Ricardo Lísias*. 2017. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação – Habilitação em Jornalismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em:
<http://hdl.handle.net/11422/6585>. Acesso em: 17 mai. 2022.

[Artigo recebido em 31 de outubro de 2022 e aceito em 08 de abril de 2023.]